

INTEGRAÇÃO DE ESTRANGEIRISMOS À LÍNGUA PORTUGUESA

Ieda Maria ALVES¹

RESUMO: Nos trabalhos que temos efetuado sobre a neologia lexical em um *corpus* jornalístico contemporâneo, constituído pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e pelas revistas *Veja* e *IstoÉ* (Projeto *TermNeo - Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*), os estrangeirismos correspondem a 17% das unidades lexicais neológicas. Dentre esses neologismos não-vernáculos, a maior parte é representada por elementos de origem inglesa (73%), seguindo-se os de origem francesa (8%) e de origem japonesa (3%) e espanhola (3%). Nesta exposição, estudamos as formas de apresentação desses neologismos de origem estrangeira, os quais se revelam ora com marcas visuais (aspas, itálico, negrito) e metalingüísticas (enunciados definitórios, formas introdutórias *chamado de, denominado...*), ora com diferentes níveis de integração à língua portuguesa: integração ortográfica; integração morfossintática, com formação de derivados e marcas de flexão em gênero e número; integração semântica, com mudança de significado em relação à língua de origem; integração sob forma de decalque. Finalizamos com algumas considerações a respeito da integração dos estrangeirismos à língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: neologia; neologismo; estrangeirismo; empréstimo.

Estrangeirismos e empréstimos são transcritos de diferentes formas, tanto em obras lexicográficas como em gêneros textuais de distinta natureza: ora de acordo com a grafia da língua de origem, ora parcialmente adaptados à língua receptora, como ainda, em alguns casos, integralmente adaptados a ela. Estas diferenças causam dificuldades para os falantes do português, constituindo-se, também, em mais uma dificuldade para o ensino do registro escrito do idioma.

Este trabalho cumpre o objetivo de expor as formas de apresentação de unidades lexicais de origem estrangeira, conforme dados extraídos de um *corpus* jornalístico contemporâneo. Apresentamos, inicialmente, algumas considerações sobre as denominações *estrangeirismo* e *empréstimo*. Em seguida, expomos as formas de apresentação das unidades lexicais de origem estrangeira no *corpus* estudado, enfatizando as distintas formas de apresentação das unidades lexicais mais freqüentes. Por fim, tecemos alguns comentários finais a respeito dos dados apresentados.

¹ USP-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, Av. Luciano Gualberto 403, 05 508 080, São Paulo, SP, Brasil, iemalves@usp.br.

De estrangeirismo a empréstimo

A distinção entre diferentes tipos de unidades lexicais estrangeiras tem sido abordada por várias gerações de lingüistas.

Bonnard (1972, p. 1579) estabelece, preliminarmente, uma diferença entre *herança* e *empréstimo*. Desse modo, o acervo originário do latim das línguas românicas constitui uma herança, não um empréstimo. Em *L'emprunt linguistique* (1956), Derooy classifica as unidades lexicais de origem estrangeira em estrangeirismos ou peregrinismos e empréstimos (*pérégrinismes* ou *xénismes* e *emprunts*, que, para o Autor, correspondem a *Fremdwörter* e *Lehnwörter*, respectivamente, em alemão). Os primeiros ainda são percebidos como externos à língua receptora, similares a uma citação; já os segundos perderam, para os falantes, o caráter estrangeiro. Sobre esses termos, Derooy acrescenta:

Je reprends le terme *xénisme* à Jean PSICHARI, *Essai sur le grec de la Septante*, dans *Revue des Études Juives*, 1908, p. 161-210, reproduit dans *Quelques travaux de linguistique, de philologie et de littérature hellénique 1884-1928*, Paris, 1930, p. 831-891. A *Fremdwort* et *Lehwort* correspondent respectivement en anglais *aliens* et *denizens* (ou naturalized), en italien *forestierismi* et *prestiti*. (DEROY, 1956, p. 224)

Haugen (1950, p. 210-231) estabelece uma gradação entre as unidades lexicais recebidas por uma língua. A partir de um *modelo*, a palavra ou expressão da língua estrangeira, os falantes realizam uma *importação* ou uma *substituição*. Ocorre o primeiro caso quando a unidade lexical estrangeira é aceita como elemento integrante da língua receptora, sendo considerada uma inovação nesse idioma. A substituição compreende os casos de decalque e de empréstimo semântico. Com base na distinção entre importação e substituição, Haugen propõe uma gradação entre os tipos de empréstimos: *loanwords* - importação morfológica sem substituição; *loanblends* - substituição morfológica e substituição; *loanshifts* - substituição morfológica sem importação.

Na língua portuguesa, Mattoso Camara Jr. distingue entre *estrangeirismos* e *empréstimos* em seu *Dicionário de lingüística e gramática* (1977, p. 111). Estrangeirismos são definidos, segundo o Autor, como “os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante”. Seguindo Bloomfield (1933, p. 444, apud Mattoso Camara), Mattoso Camara define empréstimo como a “ação de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional”. Afirma ainda:

O condicionamento social para os empréstimos é o contacto entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contigüidade geográfica, ou a distância, por intercâmbio cultural em sentido lato. A coincidência, ou contigüidade geográfica determina os empréstimos “íntimos” (Bloomfield) e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato (v.), um superstrato (v.) ou um adstrato (v.). Os empréstimos à distância são culturais (Bloomfield). (MATTOSO CAMARA JR., 1977, p. 104-105)

Alguns autores consideram também o *xenismo*. Lemos, em Carvalho (1989, p. 43-44), que *xenismo* constitui a palavra que guarda a grafia original, mesmo sendo muito usada. O *Dicionário de termos lingüísticos*, edição *online*, define *xenismo* como “Unidade lexical, proveniente de uma língua estrangeira, que mantém o seu carácter de estrangeirismo, remetendo para um referente de uma comunidade estrangeira e produzindo, por vezes, um efeito de exotismo”. Cita como fonte o termo *xénisme*, extraído da obra *La créativité lexicale*, de Louis Guilbert (1975).

Neste trabalho, fazemos uma distinção entre *estrangeirismo*, forma equivalente do francês *xénisme*, e *empréstimo*, equivalente de *emprunt*. Guilbert, na citada obra, estabelece uma distinção entre *xénisme* e *emprunt*, considerando o primeiro termo uma citação esporádica e, o segundo, um elemento integrado à língua receptora.

O corpus de análise

O *corpus* de análise é representado por materiais jornalísticos que integram a *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* do Projeto TermNeo (Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo): jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e revistas *Veja* e *IstoÉ*, analisados por amostragem de janeiro de 1993 a dezembro de 2000.²

No período estudado, foram observadas 13 570 unidades lexicais neológicas, repartidas em 24 598 ocorrências.

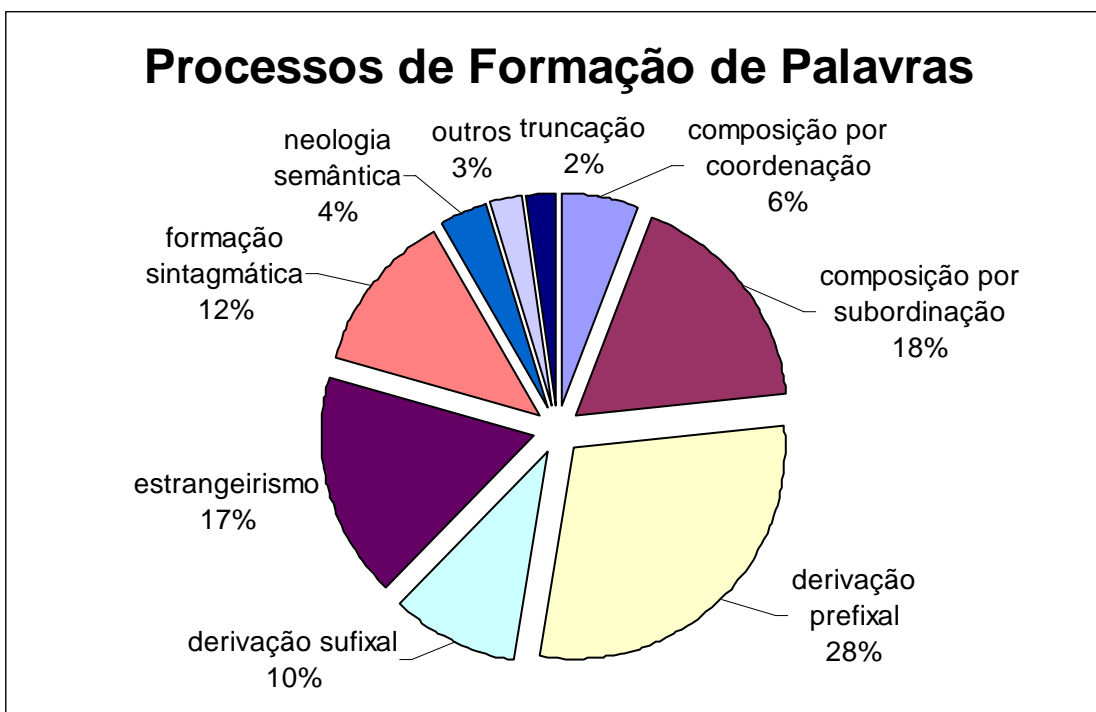


Figura 1: Processos de Formação de Palavras

Dentre os estrangeirismos, observa-se uma predominância de unidades lexicais provenientes do inglês, conforme se observa na Figura 2:

² Os dados coletados a partir de 2001 estão sendo registrados e ainda não estão disponíveis para análise.

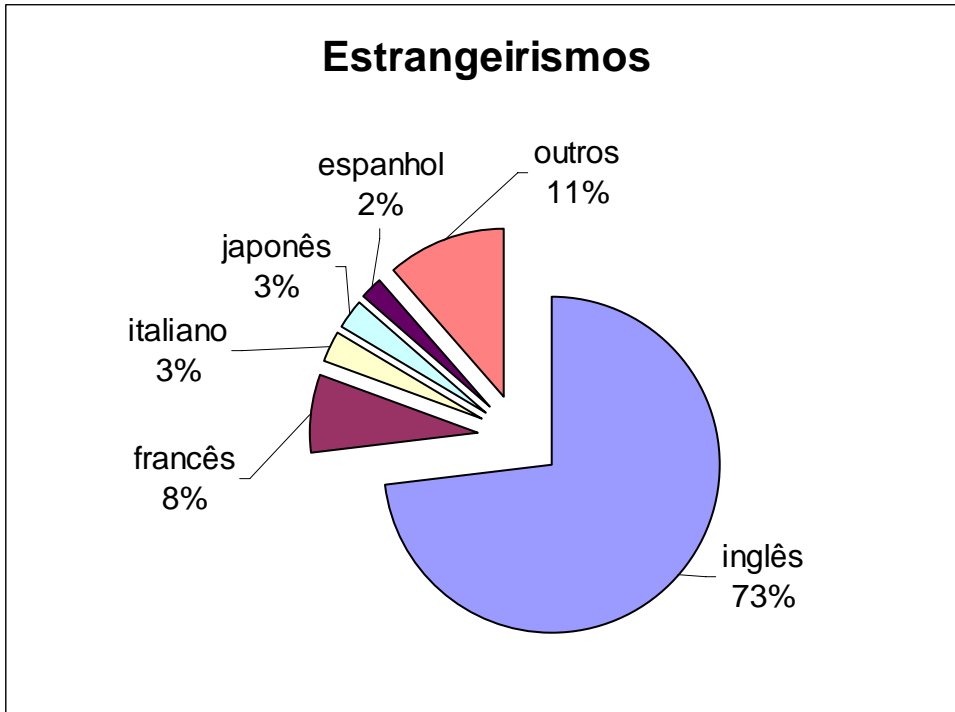


Figura 2: Estrangeirismos

Formas de apresentação das unidades lexicais de origem estrangeira

Sob forma de estrangeirismo, as unidades lexicais de origem estrangeira não se apresentam de forma homogênea.

Marcas visuais como negrito, aspas e itálico realçam, não raro, as unidades lexicais estrangeiras. Essas marcas caracterizam, no dizer de Rey-Debove (1978a, p. 284-286), a conotação autonímica da unidade lexical estrangeira, que ainda não é percebida como integrante da língua receptora, a exemplo de “air bag” e *action painting*, contextualizadas a seguir:

O corpo de uma pessoa pesando 75 quilos, por exemplo, desenvolve a 50 quilômetros por hora um impacto equivalente a um objeto de 2 toneladas - o peso que cintos de segurança e <"air bags"> têm de absorver. (V, 11-05-94)

Um filme enfocando o expressionista abstrato Jackson Pollock, o inventor da <action painting>, protagonizado por Willem Dafoe, é o próximo a estreitar. (IE, 12-02-97)

A conotação autonímica revela-se também pelo recurso a formas tradutórias, que, assumindo diferentes características, muitas vezes acompanham a unidade lexical estrangeira.

O enunciado tradutório pode manifestar-se sob a forma de um equivalente em português:

Ao final do show, Michele - no <backstage> (bastidores) - esperava junto com outras crianças a hora de embarcar no ônibus de volta para o orfanato onde vive há cinco anos. (FSP, 17-10-93)

Quanto à carnificina provocada pelos experimentos feitos por Mengele junto aos judeus em Auschwitz, principalmente com <"zwillingen"> (gêmeos), Bonibaldo justifica: "Hoje estão fazendo a mesma coisa e ninguém fala nada. Isso era coisa da guerra." (IE, 15-03-00)

como também sob a forma, bastante freqüente, de uma paráfrase explicativa:

Sua moda anda de mãos dadas com a arte. Por isso mesmo não se surpreendeu ao ser convidado para integrar mostras como a de <wearable art> (arte para se vestir), na Alemanha, em 1994. (IE, 15-10-97)

Enunciados definitórios são também empregados, indicando que o emissor é consciente de que o estrangeirismo pode não ser compreendido por seu interlocutor:

Desde 1992, quando o assassinato de dois juízes revoltou a opinião pública italiana e forçou o Parlamento a aprovar um pacote de leis anti-Máfia, uma enxurrada de <pentiti> - os "arrepentidos", ex-mafiosos que viraram a casaca em troca de anistia e vida nova em outro país - enfraqueceu as bases do crime organizado. (V, 01-03-95)

Quando um piloto sobe para categorias internacionais, os outros o seguem. No GP de Suzuka, os <"wild cards"> (pilotos do país-sede convidados a correr no Mundial) japoneses sempre chegam ao pódio ou obtêm bons resultados. (G, 06-10-96)

As exóticas raças caninas que vêm do Oriente andam transformando-se em um negócio da China. Um filhote de <shar pei> - aquele cãozinho troncado, cheio de pregas, com cara de hipopótamo de língua azul não custa menos de R\$ 1 mil. (G, 05-05-96)

Além de enunciados explicativos e definitórios, outras marcas metalingüísticas explícitas acompanham, não raro, um estrangeirismo.

Uma dessas marcas é expressa quando uma palavra metalingüística (*termo, palavra, expressão...*) introduz ou explica uma unidade lexical de cunho autonímico, inserindo-a no discurso:

No Japão, o termo <"hostess"> é usado para designar mulheres que trabalham em bares noturnos com a função de conversar com os clientes, estimulando-os a consumir bebidas alcólicas. (FSP, 03-04-94)

A brasileira Calcografia de Cheques de Luxo Bankote Ltda. entrou na justiça contra a multinacional American Bank Note alegando ter o direito de propriedade da expressão <bank note> o que impede a companhia americana de utilizá-la no Brasil. (G, 08-09-96)

Seus herdeiros foram os bichos-grilos, e agora o legado passou para os <freaks>, palavra inglesa que significa doidão ou maluco. (V, 24-09-97)

Os "caninettes" são uma tradição na cidade, com direito até a um apelido: <"moto-crottes">. "Crotte" é a palavra que os franceses usam para designar as fezes caninas. (FSP, 19-04-98)

As marcas metalingüísticas *chamado, denominado, como dizem*, entre outras, revelam o emprego do estrangeirismo como signo autonímico, ou seja, um signo ao qual se faz menção. Esse uso do estrangeirismo com marcas metalingüísticas explícitas correspondem à fase que Rey-Debove (1978a, p. 284-285) denomina conotação autonímica do estrangeirismo. Alguns exemplos desse emprego:

O novo mastro, com tecnologia inglesa chamada de <aerorig>, parece um T invertido, gira 360 graus e não é ligado a nenhum cabo de aço. "Isso representa uma brutal facilidade para o navegador solitário", diz Klink. (V, 26-11-97)

Para os <abertzale> (patriota, em basco), como se autodenominam os separatistas, a culpa é do governo do premiê José María Aznar, do PP, que poderia ter negociado com o ETA, grupo separatista basco, e ter evitado o assassinato. (FSP, 20-07-97)

Essas diferentes formas de apresentação das unidades lexicais de origem estrangeira no *corpus* estudado – marcas visuais, formas tradutórias, enunciados explicativos e definitórios, marcas metalingüísticas explícitas – revelam que a unidade lexical estrangeira é percebida como um estrangeirismo, ou seja, ainda não constituem um empréstimo.

Integração dos estrangeirismos à língua portuguesa

A integração de estrangeirismos a uma língua tem sido estudada por alguns autores.

Frei (1936, p. 79) distingue os *Fremdwörter*, unidades lexicais não-assimiladas, dos *Lehnwörter*, as assimiladas à língua receptora. Rey-Debove (1978b, p. 129) refere-se a duas fases da integração de unidades lexicais estrangeiras: a fase de integração, que ocorre quando a palavra estrangeira é empregada com pequenas modificações gráficas e fonéticas; já na fase de assimilação, observa-se uma adaptação maior à língua receptora, que pode ser de caráter gráfico, fonético ou grafo-fonético.

Deroy (1956, p. 224) cunha de *peregrinismo* a fase neológica da unidade lexical estrangeira, momento em que essa palavra passa de estrangeirismo a empréstimo e começa a instalar-se no sistema da língua receptora. Nessa fase, Guilbert (1975, p. 96-98) considera que três critérios podem auxiliar na identificação das unidades lexicais em transição: critérios fonológico, morfossintático e semântico.

De acordo com o critério fonológico, um estrangeirismo começa a integrar-se ao léxico da língua que o acolhe à medida que se integra a seu sistema fonológico. Como afirmaram vários autores (MATTOSO CAMARA, 1970, p. 263; GEORGE, 1976, p. 63; WEINREICH, 1953, p. 14), o elemento estrangeiro tende a adaptar-se ao sistema fonemático do idioma.

A adaptação fonológica é, não raro, seguida de uma adaptação ortográfica.

A integração morfossintática ocorre quando o estrangeirismo adapta-se à morfologia da língua que o recebe, seja do ponto de vista flexional como derivacional.

No que concerne à flexão em gênero, os estrangeirismos tendem a seguir a flexão da língua de origem. Exemplificamos com as unidades lexicais *flânerie* e *cuartelada*, de origem francesa e espanhola, respectivamente:

A <"flânerie"> pelos cais do Sena levou-nos longe, numa itinerância típica dos que sofrem da "doença de Nabuco". (FSP, 19-11-00)

Ele (Herlado Bossio) foi um dos fundadores da <cuartelada>, música popular argentina influenciada por ritmos populares tropicais e que usa o piano e o acordeão como base melódica. (11-06-97)

Unidades lexicais oriundas de línguas que não apresentam flexão em gênero, como o inglês, tendem a receber o gênero masculino, não-marcado, como lembra Biderman (1978, p. 165). Exemplificamos com *game-show*:

"O ano passado foi caracterizado pelos talks-shows, como o Jô Soares Onze e Meia, diz Ademar Dutra", diretor de divulgação do SBT. "Mas 1993 será o ano do <game-show>". (V, 14-04-93)

Observa-se também que, em alguns casos, a unidade lexical de origem inglesa recebe o gênero feminino por associação a uma palavra em português, do gênero feminino. Por essa razão, *happy hour* por vezes é marcada como feminina, por associação a *hora*, recebendo também o gênero masculino, o não-marcado:

Se depender do Legislativo, São Paulo terá menos fumantes que qualquer cidade norte-americana, terá uma moda tão badalada quanto a de Milão e uma <happy hour> mais concorrida que a de Londres. (FSP, 21-09-97)

Mais do que uma prescrição médica, o jogging transformou-se em um ótimo motivo para um autêntico <happy hour> só que matinal e não vespertino. (IE, 01-10-97)

Relativamente à flexão em número, as unidades lexicais de origem estrangeira, tendem, inicialmente, a seguir a flexão das respectivas línguas. Apresentamos a palavra inglesa *sixty*, que, no excerto a seguir, é contextualizada sob a forma *sixties*, seguindo a flexão inglesa:

Ouçõ deliciado, para surpresa minha, um CD da London, de Joan Sutherland. O instrumento é, sempre foi, insuperável. Mas no seu tempo, os gloriosos <sixties>, achávamos deficiente, como sentimento, perto de Rebaldi Callas, digo no setor não-wagneriano. (G, 01-12-96)

Os estrangeirismos, na medida em que se integram ao português, tendem a adaptar-se ao sistema da flexão em número do idioma, a exemplo do italiano *famiglias*, ao invés de *famiglie*:

O novo secretário especializou-se em máfias. Tanto que fundou e preside em São Paulo o Instituto Brasileiro Giovanni Falcone, nome do juiz italiano que comandou, na década de 80, a luta contra o crime organizado das <famiglias> até ser assassinado por elas, em 1992, /.../ (IE, 15-03-95)

Uma outra forma de integração à língua portuguesa, segundo Guilbert, pode ser observada nos casos em que a unidade lexical estrangeira passa a formar derivados e compostos, assim como as unidades vernaculares. Esse mesmo ponto de vista é partilhado por autores como Dubois (1963, p. 15), Franolic (1976, p. 8) e George (1976, p. 64-6).

Exemplificamos esse tipo de integração com os derivados sufixais *blueseiro* (subst.) e *ranquear* (v.), que são formados a partir dos elementos ingleses *blues* e *ranking*, respectivamente:

Criador da canção-slogan dos <blueseiros> ("Hey, hey the blues is alright"), o manhoso Slim sabe conquistar uma platéia com seus improvisos tórridos. (FSP, 02-05-93)

O inglês Martin Potter, atual líder do ranking, é um dos que já confirmaram presença assim como os australianos Barton Lynch (ex-campeão mundial) e Gary Elkerton, segundo do ranking. Além dos brasileiros melhores <ranqueados>, Fábio Golveia, Teco Padaratz é Péterson Rosa. (FSP, 17-10-93)

Formações compostas (*bóia-cross*, *brothermóvel*, *cacau-western*, *efeito-pet*, *kit-limpeza*) e sintagmáticas (*cerveja light*, *comércio on-line*, *top de linha*, *tratamento vip*) apresentam também, não raro, esse tipo de formação em que um componente vernáculo junta-se a um estrangeiro para formar um composto neológico.

O terceiro critério a que se refere Guilbert é o semântico, segundo o qual uma unidade lexical, introduzida na língua receptora com um significado, perde sua condição de estrangeirismo ao se tornar-se polissêmica e assumir novas funções semânticas. Exemplificamos com a unidade lexical *upgrade*, que, introduzida no português brasileiro em referência à atualização dos componentes de um computador, passou a ser empregada para designar outras formas de atualização e de aperfeiçoamento. Nos dois exemplos apresentados a seguir, são exemplificadas, respectivamente, essas duas acepções:

Depois de quase dois anos de espera, a Apple finalmente vai soltar a tão esperada versão 8 do sistema operacional - o programa básico para fazer um computador funcionar - para a Macintosh. Não é nada revolucionário. Mas o <upgrade> corrige a estabilidade do sistema atual, deixa a máquina mais rápida e permite a execução de tarefas simultâneas, coisa que o Windows 95 já faz há tempos. (V, 02-07-97)

A cada novo patamar da fama de Ronaldo, a família imediatamente ganha <upgrade>: em setembro último para comemorar seus 20 anos, embarcou o pai, a mãe, os irmãos, o cunhado e o sobrinho rumo a Barcelona. Na primeira classe. (V, 25-12-96)

A esses critérios apresentados por Guilbert, acrescentamos o da frequência, uma vez que nem sempre a unidade lexical estrangeira adapta-se ortograficamente à língua que a adota, conservando sua forma original.

No português, palavras de origem estrangeira como *jeans* (do inglês) e *pizza* (do italiano) são bastante frequentes, dicionarizadas (cf. HOUAISS, 2001) e guardam a grafia das línguas de origem.

No *corpus* analisado, dentre os dez estrangeirismos mais frequentes, todos de origem inglesa - *home page* (44), *ranking* (43), *talk show* (42), *site* (38), *playoff* (36), *popstar* (33), *fast food* (32), *fax* (31), *pay-per-view* (31), *drag queen* (30) -, apenas *ranking*, *site* e *fax* apresentam formas de integração (ortográfica, morfosintática e decalque) ao português: *ranquear* e *ranqueamento*, *fax-resposta* e forma decalcada *sítio*, respectivamente.

Um outro modo de integração da unidade lexical estrangeira, pouco perceptível, é o decalque, a versão literal dessa unidade para a língua receptora. No exemplo de *adulescência*, que contextualizamos a seguir, observa-se a alternância do sufixo inglês *-ence* pelo sufixo equivalente português *-ência*:

Das palavras que assim nascem e morrem a cada semana, algumas sobreviventes se impõem e chegam até as portas dos dicionários.

É o caso de <adulescência> (*adulescence*), inventada pela imprensa no ano passado, já incorporada a um glossário e quase adotada pelo "New Oxford Dictionary of English". (FSP, 20-09-98)

Muito comum em formações sintagmáticas nas línguas de especialidade, o decalque costuma refletir, nesses casos, uma neologia criada por tradutores, a neologia tradutiva, conforme lembram Hermans e Vansteelandt (1999, p. 39). Esse tipo de decalque pode ser observado na formação sintagmática *má viagem*, decalcada no inglês *bad trip*:

Em alguns casos, podem ocorrer as <"más viagens">: ansiedade, pânico, mania de perseguição, sensação de deformação do próprio corpo e de morte iminente. Pode causar delírios, convulsões e dependência psicológica. (IE, 12-02-97)

Considerações finais

Alguns estrangeirismos não apresentam nenhuma forma de integração – com exceção da integração fonológica – à língua portuguesa.

Este fato pode ser devido a fatores como o prestígio da língua estrangeira ou o estranhamento que um estrangeirismo pode causar, porém acreditamos que a não-integração é, em alguns casos, condicionada pela estrutura da palavra estrangeira. Desse modo, se um estrangeirismo como *surf* facilmente se integra ortograficamente ao português, com o acréscimo da vogal temática –e à consoante final, formando uma sílaba do português – *surfe* -, outros estrangeirismos freqüentes, como *jeans* e *software*, resistem à integração ortográfica, possivelmente em razão da estrutura vocabular mais conforme à língua inglesa.

As propostas lexicográficas de aportuguesamento nem sempre são seguidas pelos usuários. Exemplificamos com *leiaute* (de origem inglesa) e *turnê* (de origem francesa) ambos registradas em Ferreira (1999) e em Houaiss (2001). Esses dicionários registram também a forma estrangeira dessas palavras, *lay-out* e *tourné*, remetendo-as para as respectivas formas vernaculares.

Dessa forma, podemos concluir, não se observam formas homogêneas de aportuguesamento de estrangeirismos à língua portuguesa.

Referências bibliográficas

BIDERMAN, M. T. *Teoria lingüística (Lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BONNARD, H. *Grand Larousse de la Langue Française*. Paris: Larousse, 1972. v. 2

- CARVALHO, N. M. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- DEROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles-Lettres, 1956.
- DUBOIS, J. L'emprunt en français. *L'Information Littéraire*, 10-16, 1963.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANOLIC, B. Adaptation secondaire ou la dérivation des emprunts d'origine française en croate. *Lingua*, 40: 247-261, 1976.
- FREI, H. Monosyllabisme et polysyllabisme dans les emprunts linguistiques. *Bulletin de la Maison Franco-Japonaise*, 9: 79-122, 1936.
- GEORGE, K. E. M. Anglicisms in contemporary French: II – linguistic aspects. *Modern Languages*, London, 57: 63-8, 1976.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HAUGEN, E. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, 26: 210-231, 1950.
- HERMANS, A.; VANSTEELANDT, A. Néologie traductive. *Terminologies Nouvelles*, 20: 37-43, 1999.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MATTOSO CAMARA JR. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- MATTOSO CAMARA JR. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- REY-DEBOVE, J. *Le métalangage*. Paris: Le Robert, 1978a.
- REY-DEBOVE, J. Comportement des langues romanes face à l'emprunt anglo-saxon en terminologie. *Actes du 6è Colloque International de Terminologie*. Québec :119-139, 1978b.
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. 8 ed. Hague-Paris: Mouton, 1974.

Referências eletrônicas:

Dicionário de termos lingüísticos. Disponível em:
http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm. Acesso em: 15-10-2008